

## História natural de uma rua suburbana

### Natural history of a suburban street

*Frederico Heller*

**Resumo:** Neste artigo Heller trabalha com o método ecológico e com o conceito de história natural para contar o processo de conformação de uma rua em um bairro de loteamento recente, na época, na cidade de São Paulo, e a criação de uma rua, a Rua Nova, a valorização dos lotes, a situação desta rua no bairro e um balanço de seus moradores e suas percepções sobre a vizinhança na Rua Nova e a rua entre as demais do bairro. É um artigo estimulante para um olhar sobre a cidade e seus moradores, e sobre a agência das pessoas nela envolvidas na conformação de si e dos outros, como personagens que habitam um lugar e disputam posições sociais entre si e, assim, vão compondo trajetórias e possibilidades do viver a cidade. **Palavras-chave:** história natural, urbanização, conformação de uma rua suburbana, lugar, trajetórias

**Abstract:** In this article Heller works with the ecological method and with the concept of natural history to tell the process of conformation of a street in a neighborhood of recent allotment, at the time, in the city of São Paulo, and the creation of a street, the Rua Nova, the valorization of lots, the situation of this street in the neighborhood and a balance of its residents and their perceptions about the neighborhood in the New Street and the street among the others in the neighborhood. It is a stimulating article for a look at the city and its inhabitants, and at the agency of the people involved in the conformation of themselves and others, as characters that inhabit a place and dispute social positions among themselves and, thus, are composing trajectories and possibilities of living the city. **Keywords:** natural history, urbanization, conformation of a suburban street, place, trajectories

A Rua Nova, a doze quilômetros do centro da Cidade de São Paulo é situada num bairro que há quinze anos representava o caráter de um subúrbio semirrural com numerosas pequenas chácaras e poucas casas residenciais<sup>1</sup>. As chácaras eram quase exclusivamente cultivadas por portugueses que aqui aportaram entre 1800 e 1914.

Há dez anos, duas grandes empresas começaram a se interessar pelo loteamento e venda dos terrenos do bairro. A atividade de alguns corretores e construtores alemães atraiu para o bairro famílias alemã, na sua grande maioria chegadas entre 1921 e 1926. Assim se explica a composição étnica do bairro que é habitado, preponderantemente, por famílias de portugueses e de alemães.

A Rua Nova é uma travessa sem saída de uma grande estrada de rodagem em bom estado de conservação. A viagem de bonde exige 32 minutos nas horas de trânsito normal; entre dezoito e dezenove horas e meia, a viagem é consideravelmente mais demorada. A viagem de ônibus é de 22 minutos e o atraso, nas horas de maior trânsito, é de 8 minutos em média.

---

<sup>1</sup> Este artigo saiu originalmente na *Sociologia Revista Didática e Científica*, v. 5, n. 3, p. 199-217, agosto de 1943.

## Distâncias do começo da rua até:

A parada de bonde	380 metros
A parada de ônibus	50 metros
O posto policial	1000 metros
A farmácia	800 metros
A residência de um médico	1100 metros
Uma casa de saúde	2300 metros
Um consultório médico	2300 metros
Um posto telefônico público	1200 metros

A rua tem 210 metros de comprimento e 16 de largura. É provida de luz elétrica (desde 1934) e de água (desde 1935). Não existe calçada nem iluminação pública. Na rua cresce capim, mas, duas vezes por ano a prefeitura manda fazer uma limpeza geral. Ao chamado de interessados atende uma turma de funcionários municipais especializados na luta contra a saúva. A julgar pelas aparências, a rua é habitada por *pequenos burgueses*. Nenhuma casa mostra traços de riqueza ou pobreza, nenhum morador da rua apresenta traços característicos de uma posição social muito elevada ou muito baixa.

A faixa de terrenos a quem a área da atual Rua Nova pertencia foi vendida em 1912 por Cr\$ 6.400,00. Foram oito alqueires. Refletindo o desenvolvimento econômico durante a primeira guerra mundial, a metade desses oito alqueires foi vendida em 1917 por Cr\$ 27.000,00. No mesmo ano, a área da atual Rua Nova, - de aproximadamente um alqueire, - foi vendida por Cr\$ 5.000,00.

Em 1922, o comprador, um comerciante português, resolveu abrir uma rua a fim de vender os terrenos divididos em lotes. Desde então o preço dos lotes, num total de quatrocentos metros quadrados, apresenta o seguinte desenvolvimento:

1922	Cr\$ 320,00
1923	Cr\$ 600,00
1924	Cr\$ 1.000,00
1926	Cr\$ 2.800,00
1929	Cr\$ 900,00
1932	Cr\$ 1.200,00
1935	Cr\$ 2.800,00
1938	Cr\$ 3.500,00
1940	Cr\$ 5.200,00
1942	Cr\$ 6.000,00

Somente os dados compreendidos na época de 1922 a 1932 exigem uma explicação especial. Os primeiros compradores adquiriram os lotes sem a intenção de construir casas. Eles queriam revendê-los, esperando uma “*valorização*” rápida pelos seguintes motivos:

1. Algumas pequenas fábricas foram instaladas num lugar que dista quatro quilômetros da atual Rua Nova. Por isso, contou-se com um crescimento rápido de todos os bairros vizinhos, isto é, a construção de novas fábricas e de casas operárias.
2. Havia escassez momentânea de terrenos disponíveis nos bairros vizinhos, pois a maior parte dos terrenos integrava quatro grandes proprietários (9, 6, 11, 8 alqueires), cujos donos, idosos (75, 78, 69, 73 anos), não queriam, por motivos sentimentais, dividi-los enquanto vivessem.

O desenvolvimento industrial do bairro vizinho, contudo, não se processou no ritmo esperado pelos compradores dos lotes. Ademais, em 1927 e em 1928 morreram os donos das grandes propriedades, cujos herdeiros, sem perder tempo, iniciaram o loteamento.

Talvez os preços se tivessem mantido mais estáveis se não houvesse ocorrido a “crise do café”. Em todo o caso, as oscilações dos preços, na época de 1922 a 1932, foram consequências de uma combinação de *causas gerais e especiais*, de fatores mundiais e locais.

Não pode causar surpresa o fato de os compradores dos lotes não ter compreendido as interrelações entre o mercado mundial do café e o mercado de terrenos do seu bairro. Muito mais interessante, porém, parece-nos o fato de eles, que já moravam no bairro, não terem previsto a morte dos grandes proprietários e a consequente divisão de suas terras. Estes dois últimos fatores podiam, sem dificuldade alguma, ser previstos.

A nova “valorização” dos terrenos entre 1932 e 1935 se explica pela instalação da luz elétrica e de água encanada. Para o desenvolvimento, depois de 1938, contribuíram fatores gerais e especiais. Entre os fatores especiais mencionamos somente a modernização da linha de ônibus e a atividade de um hábil corretor de terrenos.

Um inquérito realizado entre os proprietários dos lotes e das casas sobre o motivo da preferência dada à Rua Nova deu o seguinte resultado:

Número de pessoas	Motivo alegado
6	Preço vantajoso
3	Lugar tranquilo
3	Proximidade de parentes
3	Proximidade do lugar de trabalho
1	Proximidade de um amigo
1	Conselho de um construtor
1	Semelhança com a paisagem da pátria
1	Status social (“Não mora gentinha na rua...”)
2	Liquidação de uma hipoteca vencida
1	Construção de um empório

Em dois casos, o proprietário atual recebeu o terreno em troca de serviços profissionais. Um médico recebeu dois lotes como honorário de uma operação. Um carpinteiro recebeu um lote pelos serviços prestados na abertura da rua.

Os proprietários de uma metalúrgica, construída há dois anos, escolheram o lugar por quatro motivos:

- Preço vantajoso do terreno;
- Preços relativamente baratos da mão de obra para construção;
- Radicação de operários especializados nos bairros vizinhos;
- Proximidade de uma boa estrada de rodagem.

Um inquérito feito sobre a escolha da rua por parte dos inquilinos deu o seguinte resultado:

Número de pessoas	Motivo alegado
3	Proximidade do lugar de trabalho
1	Aluguel barato
1	Aluguel barato e paisagem bonita
1	Amor pela natureza
1	Hábito de criar cavalos e cachorros
1	“Moro há trinta anos no bairro e gosto da rua”

Não queremos deixar de esboçar ainda, mesmo que sucintamente, alguns fatos *ecológicos*:

1. No terreno onde foi construída uma metalúrgica, em 1941, havia dois casebres feitos de madeira. Num morava uma lavadeira preta, no outro um servente de pedreiro com esposa e três filhos. Devido à construção da fábrica os dois casebres foram demolidos. As duas famílias radicadas neste bairro há quase trinta anos não encontraram nenhuma outra moradia no local por um preço ao seu alcance. Ambas tiveram que alugar casas muito mais distantes do bonde (1,8 e 2,9 quilômetros em vez de 380 metros) e de seus lugares de trabalho.

Duas casas atualmente habitadas por famílias cujos chefes são *comerciantes* tinham, há oito anos atrás, *operários* como inquilinos. A instalação de luz e água encanada, assim como a modernização da linha de ônibus aumentaram de tal maneira o valor dos aluguéis que essas famílias operárias foram obrigadas a mudar de residência e a procurar casas mais distantes dos meios de condução e de seus locais de trabalho.

2. Os chefes de três famílias indicaram os seguintes motivos para a escolha da rua: “aluguel mais barato”, “alugue mais barato e paisagem bonita” e “amor pela natureza”. Cálculos detalhados nos mostraram porém que na época em que essas três famílias alemãs se mudaram para a Rua Nova, o motivo alegado “aluguel barato” não estava, em caso algum, de acordo com os fatos. As elevadas despesas de viagem e a impossibilidade, devido às distâncias, de almoçar em casa, tornaram ilusórias, sob todos os pontos de vista, a barateza relativa do aluguel.

Em verdade, a escolha do lugar e da casa foi uma manifestação da *luta pelo status social*. As três famílias moravam antes em dois bairros que, nos últimos dez anos, se “valorizaram” por diversos motivos. As famílias tiveram que ceder a outras famílias em posição econômica mais vantajosa. Eles podiam escolher entre bairros mais “proletários”, porém, mais próximos do lugar de trabalho e de escolas e um bairro mais distante, mas sem quaisquer traços “proletários”. Querendo evitar um desnivelamento aparente, os chefes de família escolheram a Rua nova, racionalizando as causas verdadeiras da mudança.

3. A pessoa que motivou a sua transferência pela Rua Nova com a frase: “Moro há trinta anos no bairro e gosto da rua...”, é uma empregada doméstica, uma mulata bem escura. Pelos dois cômodos que ela habita, paga noventa cruzeiros. Numa rua vizinha poderia alugar, a qualquer tempo, cômodos da mesma qualidade por sessenta cruzeiros, pois tem a fama de ser uma inquilina pontual e correta. Até agora declinou todas as ofertas de donos de casas daquela rua, pois nela residem em grande pobreza numerosas famílias pretas, às quais muitos habitantes do bairro se referem em termos depreciativos de “negrada”. Se ela se mudasse para a outra rua, surgiria o perigo de ser confundida com a “negrada”, enquanto que na Rua Nova onde a sua reputação pessoal é a melhor possível, nunca poderia surgir qualquer atitude de discriminação.

Pelos mesmos motivos, essa senhora recusou as mais vantajosas ofertas de trabalho que exigiriam uma mudança de bairro. Conscientemente ou inconscientemente ela não deseja o *risco* de uma nova luta pelo status social. Evidentemente, sacrifica, por isso, um nível de vida mais favorável.

A rua conta 79 habitantes, 38 homens e 41 mulheres. 53 são brasileiros, 11 alemães, 7 portugueses, 3 italianos, 2 norteamericanos, 2 austríacos e 1 argentino. Os 26 estrangeiros chegaram ao Brasil;

Até 1910	-
1910-14	5
1915-18	-
1919-22	4
1923-26	6
1927-30	4
1931-34	4

1935-38      2  
1939-42      1

Dos 53 brasileiros, 30 são de “segunda geração”. 10 deles são filhos de portugueses, 8 de alemães, 8 de italianos, 2 de norte-americanos, 1 de espanhóis, 1 de ingleses.

NACIONALIDADE DOS 23 CASAIS RESIDENTES NA RUA NOVA	
<i>Marido</i>	<i>Esposa</i>
10 brasileira	brasileira
2 portuguesa	brasileira
1 alemã	brasileira
4 alemã	alemã
1 italiana	italiana
2 portuguesa	portuguesa
1 argentina	brasileira
1 austríaca	alemã
1 norte-americana	norte-americana

Nos dois casais lusobrasileiros as esposas são filhas de portugueses. Dos dez casais brasileiros, em dois casos, ambos os cônjuges são filhos e filhas de italianos e, em três casos os cônjuges são filhos e filhas de portugueses.

Dos 79 habitantes da rua, 60 são *católicos romanos*, (42 brasileiros, 9 portugueses, 4 alemães, 3 italianos, 1 austríaco, 1 argentino). 14 são *protestantes* (6 brasileiros, 5 alemães, 2 norte-americanos, 1 austríaco). 2 são *judeus* (alemães). 2 são *espíritas* (brasileiros).

DESCENDÊNCIA DOS 23 CASAIS <sup>2</sup> DA RUA NOVA	
<i>Número de casais</i>	<i>Número de filhos</i>
6	-
4	1
8	2
2	3
1	4
1	5
1	6

As três famílias mais prolíferas são, respectivamente, de nacionalidade alemã, brasileira e portuguesa, todas da religião católica romana. Dos seis casais sem crianças quatro estão acima de 35 anos: 2 de nacionalidade alemã, 1 de nacionalidade austríaca e 1 de nacionalidade brasileira. Dois destes quatro casais são de religião católica romana, 1 de religião protestante e um de religião judia.

Dos 79 habitantes da rua 22 homens e 7 senhoras trabalham fora de casa. Dos 22 homens, 4 são *empregadores* (1 vendeiro, 1 negociante, 1 construtor e 1 padeiro). 18 são *empregados* (6 comerciários, 2 pedreiros, 2 encanadores, 1 eletricitista, 1 carpinteiro, 1 padeiro, 1 jardineiro, 1 bancário, 1 professor, 1 engenheiro e 1 funcionário público).

Das 7 *senhoras* que trabalham (3 são empregadas domésticas, 2 costureiras, 1 professora e 1 operária fabril), duas são casadas, uma viúva. Além disso, duas filhas de vendeiro trabalham de vez em quando no empório do pai.

<sup>2</sup> Os 23 casais constituem somente 17 comunidades domésticas. Em alguns casos em que os chefes de família são italianos, os filhos casados vivem sob o mesmo teto. De agora em diante, a expressão “família” significa “comunidade doméstica”.

A renda mensal do negociante é, em média, de Cr\$ 400,00; o construtor ganha em média Cr\$ 700,00 e o padeiro Cr\$ 520,00 por mês. Os 18 empregados masculinos ganham por mês:

<i>Cruzeiros</i>	<i>Número</i>
300 a 400,00	3
400 a 500,00	4
500 a 600,00	1
600 a 700,00	3
700 a 800,00	1
800 a 900,00	1
1.000,00	1
1.500,00	2
2000,00	1
3.700,00	1

As seis empregadas femininas ganham por mês:

<i>Número</i>	<i>Cruzeiros</i>
1	120,00
2	160,00
1	200,00
1	230,00
1	300,00
1	650,00

O valor do aluguel dos nove inquilinos da Rua Nova:

<i>Número</i>	<i>Cruzeiros</i>
2	Até 100
2	100-150
1	160-200
3	200-300
1	550

Entre as 16 casas da rua, quatro casas têm dois cômodos, oito possuem três cômodos, três casas quatro cômodos e só uma possui seis cômodos. Todas as casas têm um jardim na frente e nove têm um pomar.

Uma casa tem um galinheiro com 15 galinhas e dois galos. Um dos moradores da rua cria ano por ano dois suínos. Outro mantém cabras. Somente *uma* casa tem horta.

Em dois dos nove pomares as árvores são enxertadas. Três dos pomares são tratados mais ou menos regularmente. Dos 16 jardins, 7 são tratados por jardineiros profissionais; destes, somente um possui instrução profissional mais ou menos suficiente.

Das 17 famílias<sup>3</sup> da Rua Nova, 7 compram a crédito; 10 compram à vista, 3 delas porque não gozam de crédito algum. Das 7 famílias que compram a crédito (“caderneta”) 3 estão endividadas. Todas as 9 famílias que não usam de crédito

<sup>3</sup> Em uma das casas moram duas famílias, isto é, duas comunidades domésticas.

compram em mais de uma venda; uma para escolher os preços mais vantajosos, as outras por conveniências vicinais.

EMPREGADOS DOMÉSTICOS		
<i>Número de famílias</i>	<i>Número de empregados</i>	<i>Tempo por semana</i>
1	2	7 dias
1	1	6 dias quatro horas
1	1	3 dias quatro horas

Além disso, uma família manda lavar roupa fora de casa.

Dos 64 habitantes com mais de 7 anos, 2 são *analfabetos*: uma senhora italiana de 71 anos e uma senhora brasileira de 43. Todas as crianças entre 7 e 15 anos frequentam a escola: 7 uma escola primária, 4 o ginásio. Nenhuma das crianças menores de 7 anos frequenta o jardim da infância, apesar de haver um a pouca distância. Dos 16 rapazes acima de 15 anos, 1 recebeu instrução profissional de primeira ordem, 3 receberam instrução profissional deficiente e 2 não tem instrução nenhuma. A falta absoluta de instrução profissional deve-se num caso à negligência dos pais e, num outro, à pobreza. Das 7 moças acima de 15 anos, 4 aprenderam “mais ou menos” a costura.

LEITURA DE JORNAIS E REVISTAS	
<i>Número de leitores</i>	<i>Número de leituras por semana</i>
2	1 vez (domingo) matutino
3	4 vezes – um vespertino
4	6 vezes – um matutino
8	6 vezes - vespertino
3	6 vezes – um matutino e um vespertino
2	2 vezes – uma revista esportiva
2	1 semanário feminino
3	1 vez – um suplemento juvenil

Duas pessoas compram as *Seleções do Reader's Digest*.

O número de leitores de jornais aumentou nos últimos anos. Segundo as nossas observações, o aumento de leitores pouco se relaciona com as notícias da guerra. É a influência da *nova geração* que adquiriu o hábito da leitura. Em duas famílias foram os filhos que induziram os pais a comprarem regularmente, aos domingos, um jornal. Em duas outras famílias, nas quais se lia antes somente com grande irregularidade um vespertino, os filhos conseguiram a assinatura do vespertino.

Em 5 das 17 famílias encontram-se livros não escolares:

CASO I – *Enciclopédia Britânica*, 2 livros de Mark Twain (em inglês), 1 *Manual para criar cachorros* (em inglês), 1 livro sobre hipismo (em português).

CASO II – Obras completas de Goethe e de Schiller (em alemão), 3 manuais técnicos (em alemão), 5 romances policiais (em inglês), 1 romance policial (em português).

CASO III – 2 obras de Emil Ludwig (em alemão), 3 obras de Stefan Zweig (em português).

CASO IV – 3 obras de Paulo Setúbal, 1 obra de Belmonte, 1 obra de José de Alencar, 5 volumes da *Biblioteca das Moças*.

CASO V – *Os Sertões*, livros de J. F. Normano, Lourenço Filho, Gustavo Barroso, Monteiro Lobato.

Fizemos um inquérito a respeito de escritores e poetas brasileiros dos quais os moradores da rua sabem mais do que o nome<sup>4</sup>:

<sup>4</sup> O número de pessoas que responderam ao inquérito foi de 10.



LISTA DE AUTORES CONHECIDOS	
<i>Número de pessoas</i>	<i>Nomes de autores</i>
7	Machado de Assis
6	Paulo Setúbal
6	Olavo Bilac
5	Guilherme de Almeida
5	Monteiro Lobato
5	Érico Veríssimo
2	José de Alencar
1	Ruy Barbosa
3	Humberto de Campos
3	Belmonte
3	Euclides da Cunha
2	Gonçalves Dias
2	Marques Rabello

COMPOSITORES E MÚSICOS CONHECIDOS <sup>5</sup>	
<i>Número de pessoas</i>	<i>Nome de artistas</i>
5	Carlos Gomes
2	Souza lima
1	Francisco Mignone

Ninguém conhece o nome de um *pintor* brasileiro.

Quatro famílias possuem um instrumento de música. A saber: 2 guitarras, 1 piano e 1 vitrola. 11 famílias têm aparelho de rádio. Perguntamos aos chefes das 6 famílias restantes porque não adquiriram aparelho de rádio. As respostas foram estas:

Em 2 casos – falta de dinheiro

Em 1 caso – “Não gosto...”

Em 1 caso – quer esperar até ter dinheiro para um aparelho moderno.

Em 1 caso – para evitar discussões políticas na família.

Em 1 caso – Sem resposta.

Em 16 casas há quadros nas paredes: 6 ilustrações, 5 ilustrações recortadas de revistas, 3 fotografias de família e 2 aquarelas.

13 pessoas fizeram viagens nos últimos 3 anos: 6 para o interior do Estado de São Paulo, 4 para Santos e 3 para o Rio de Janeiro. As viagens para Santos tiveram fins recreativos e também 3 das viagens ao interior (pescaria).

23 pessoas são membros de associações e sociedades:

8 caixas de beneficência

6 clubes de futebol

3 clubes de dança

6 associações religiosas

Dos oito membros de caixas de beneficência, 4 são brasileiros, 3 portugueses e 1 alemão. Os quatro brasileiros são filhos de portugueses. Dos 6 membros de associações esportivas, 5 são brasileiros e 1 italiano. Dos 3 membros de sociedade de dança, 2 são italianos e 1 brasileiro. Dos 6 membros de sociedades religiosas, 1 casal pertence a uma associação espírita e 5 são “filhas de Maria”.

#### FREQUÊNCIA DE IGREJAS CATÓLICAS

<sup>5</sup> O número de pessoas que responderam ao inquérito foi de 5.



<i>Número de pessoas</i>	<i>Por mês</i>
9	4 vezes
1	1 vez

Dessas 10 pessoas, 3 são do sexo masculino e 7 do sexo feminino. 3 têm mais de 18 anos.

FREQUÊNCIA DE IGREJAS PROTESTANTES	
<i>Número de pessoas</i>	<i>Por ano</i>
1	2 vezes
1	1 vez

As duas pessoas são do sexo feminino.

FREQUÊNCIA DA SINAGOGA ISRAELITA	
<i>Número de pessoas</i>	<i>Por ano</i>
2	2 vezes
FREQUÊNCIA DA TEMPLO ESPÍRITA	
<i>Número de pessoas</i>	<i>Por mês</i>
2	4 vezes

1 pessoa é do sexo masculino e 1 do sexo feminino.

FREQUÊNCIA DE VISITAS DE FAMÍLIAS RECEBIDAS	
<i>Número de famílias</i>	<i>Por mês</i>
5	0
3	1
2	2
4	4
3	10

A frequência das visitas de família *feitas* não pode ser constatada com segurança. As 5 famílias não receberam visita alguma durante um mês, são todas *estrangeiras*. 4 não têm parentes em São Paulo, 1 está envolvida em conflito interno.

FREQUÊNCIA DE VISITAS DE AMIGOS E CONHECIDOS	
<i>Número de famílias</i>	<i>Por mês</i>
6	0
5	1
2	2
3	4
1	6

Das 6 famílias que não receberam visita nenhuma de amigos ou conhecidos, 4 são brasileiras.

Os casais alemães e austríacos falam em casa o alemão. Três destes casais alemães têm filhos. Dos 7 filhos, 2 falam em casa exclusivamente o alemão, os 5 restantes falam com os seus pais o alemão, mas, entre si, o português.

O casal com um cônjuge alemão e o outro teuto-brasileiro mistura as duas línguas. O casal norteamericano fala com os filhos em inglês, os filhos entre si usam às vezes o inglês, às vezes o português.

Na comunidade doméstica italiana, a avó de 71 anos, fala com o filho, a nora, os netos e os bisnetos o italiano. O filho responde geralmente na língua materna; os outros somente quando estão gracejando.

3 famílias tem o hábito de passear, isto é, 1 família alemã, 1 austríaca e 1 brasileira. A família brasileira aceitou este hábito das famílias estrangeiras da vizinhança.

Nosso inquérito sobre a frequência de cinemas abrange 41 pessoas adultas. 28 pessoas frequentam um cinema pelo menos uma vez por ano.

Em 3 casos a frequência média foi de 22 vezes por ano.  
Em 6 casos a frequência média foi de 15 vezes por ano.  
Em 2 casos a frequência média foi de 11 vezes por ano.  
Em 2 casos a frequência média foi de 8 vezes por ano.  
Em 5 casos a frequência média foi de 6 vezes por ano.  
Em 4 casos a frequência média foi de 5 vezes por ano.  
Em 3 casos a frequência média foi de 4 vezes por ano.  
Em 3 casos a frequência média foi de 2 vezes por ano.

As 13 pessoas restantes estiveram num cinema:

4 pela última vez há 2 anos.  
5 pela última vez há mais de 2 anos.  
4 nunca.

AS 5 PESSOAS QUE NÃO ESTIVERAM NO CINEMA NOS ÚLTIMOS 2 ANOS			
<i>Idade</i>	<i>Nacionalidade</i>	<i>Profissão</i>	<i>Motivo</i>
38	Brasileira	Comerciário	“Não gosto...”
55	Italiana	Pedreiro	Olhos fracos
51	Austríaca	Doméstica	Baixo nível artístico das fitas
53	Alemã	Engenheiro	Baixo nível artístico das fitas

AS 4 PESSOAS QUE NUNCA ESTIVERAM NUN CINEMA			
<i>Idade</i>	<i>Nacionalidade</i>	<i>Profissão</i>	<i>Motivo</i>
56	Portuguesa	Carpinteiro	“Meu marido não quer”.
53	Portuguesa	Doméstica	“Lá se aprende somente coisas feias”.
71	Italiana	Doméstica	“É bobagem...”
43	Brasileira	Arrumadeira	“Não sei ler”.

Dois moradores são jogadores habituais do “jogo do bicho”.

Três pessoas têm bicicletas, exclusivamente para fins recreativos; ninguém possui automóvel.

Não há telefones na rua.

Na Rua Nova não existem casos de vizinhança subordinativa<sup>6</sup>. Explica-se por três razões:

1. A situação social dos moradores não apresenta grandes diferenças de nível;

<sup>6</sup> Para a descrição das relações vicinais empregamos os conceitos e termos do artigo de Emílio Williams intitulado “Contribuição para a Sociologia da Vizinhança”. *Sociologia*, v. III, n. 1, março de 1941.

2. As senhoras que trabalham como empregadas domésticas declinam, a nosso ver, de propósito, qualquer oferta de trabalho vinda de outros moradores da rua;
3. Os moradores mais remediados da rua evitam relações de caráter senhorial com os seus vizinhos pobres por não quererem aceitar os encargos pecuniários de tais relações.

Predominam, por isso, os casos de vizinhança coordenativa. Somente uma família mostra desprezo completo pelas relações vicinais, adotando o “comportamento social da alta burguesia”. Outra família mantém poucas relações vicinais porque se encontra ainda na “fase de observação”. Entre duas famílias portuguesas aparentadas existem relações hostis oriundas de um conflito familiar ocorrido há mais de trinta anos em Portugal.

Excetuando esses casos, as relações entre todas as famílias são amistosas. Todos os moradores se cumprimentam e trocam frases convencionais. Não há de outro lado, nenhum caso de amizade estreita.

As relações não são muito influenciadas pela nacionalidade, mas sim pela posição social dos moradores e seus diferentes níveis culturais. Os filhos de um casal alemão de origem rural se entendem bem com os filhos de um casal português da mesma origem social, mas não têm nenhuma convivência com os filhos de um engenheiro alemão. De outro lado, não há qualquer ponto de contato entre os filhos de um casal italiano de origem urbana com os filhos de dois casais um português e o outro alemão, de origem rural. Isso se observa, por exemplo, na atitude diante do cinema, da dança, do esporte e do namoro.

Os artífices alemães têm muito mais pontos de contato com os artífices brasileiros do que com o engenheiro ou o comerciante alemão. O bancário e a professora brasileiros têm mais facilidade em se entender com o professor austríaco do que com os seus patrícios comerciantes.

Traços culturais como o hábito de passear e o uso de calças compridas para senhoras, assim como brinquedos de criança transmitem-se somente entre as famílias do mesmo nível social, independente da nacionalidade. A mesma coisa se dá com a troca de remédios caseiros e de informações sobre artífices (alfaiates, eletricitas, pedreiros, etc.).

Também pequenos conflitos ocorrem em regra entre famílias de nível igual.

CONFLITOS NOS ÚLTIMOS TRÊS ANOS	
<i>Número</i>	<i>Motivo</i>
3	Futebol
1	Racionamento de açúcar
1	Ciúme conjugal
12	Desavenças por causa de cachorros
1	Informação desfavorável dada a uma casa comercial

Em oito dos conflitos por causa de cães, os moradores se sentiram ameaçados por cachorros dos vizinhos. Quatro desses conflitos se relacionam com discussões sobre a pureza ou a impureza “racial” dos cães. Nestes conflitos os antagonistas foram exclusivamente alemães.

Os protagonistas de 13 dos 18 casos de conflito foram senhoras. Isso não quer dizer que as senhoras sejam mais briguentas do que os homens, mas, seus interesses se ligam em escala muito maior do que os dos homens à casa, ao jardim e à rua. O ambiente da rua é, por isso, mais importante para o prestígio feminino do que para o prestígio dos homens.

Lutas por prestígio são raríssimas na esfera da Rua Nova. A sensação de bem-estar material e moral parecem depender mais do status profissional e familiar do que da posição social relativa que os moradores da rua mutuamente se atribuem. Assim se explica certa indiferença diante da própria posição e da posição social dos outros na rua.

Pelos mesmos motivos, a liderança local nunca foi seriamente disputada. No caso de uma reclamação dirigida às autoridades, se percebeu muita hesitação em tomar a iniciativa. Os eventuais incômodos pesavam mais na balança do que a expectativa de conquistar o prestígio por esse ato de liderança...

A atitude de indiferença não foi a consequência da falta de pessoas ambiciosas e enérgicas; pois num momento em que ninguém queria se distinguir, velando pelos interesses comuns da rua, dois dos moradores empenharam-se em lutas pela liderança em esferas estranhas ao ambiente da Rua Nova. A sua indiferença no caso da Rua nova mostra a pouca relevância que lhe atribuem no que diz respeito ao prestígio pessoal.

A linha de bonde divide em duas partes o bairro em que a Rua Nova é situada. Uma metade é pelo aspecto das casas e pela posição social dos moradores a parte aristocrática; a outra metade a parte “mais proletária”.

A Rua Nova pertence a parte “mais proletária”. Nesta parte existem quatro ruas principais. Uma destas é, conforme o juízo unânime dos moradores, a rua mais fina, porque nela as casas e os jardins apresentam certo luxo e não há “gentinha” entre os moradores.

Sobre a cotação das outras três ruas não existe qualquer uniformidade de opiniões. Os moradores da rua mais fina se abstêm de qualquer juízo quanto à posição que as demais ruas ocupam na hierarquia local dos valores. Para eles, todas são “ruins”. Os moradores das três ruas são “naturalmente” de opinião que a própria rua merece o segundo lugar. Eles relegam para o último lugar a rua que lhes parece ser a mais séria concorrente.

Nestas circunstâncias é claro que todos os moradores da Rua Nova exigem para ela para o segundo lugar. Essa cotação poderia ter sofrido modificação pela instalação de uma fábrica barulhenta. Mas, depois de um choque passageiro, o “patriotismo local” dos moradores venceu. Os patriotas alegam que nas outras ruas se ouve também o barulho, que na Rua Nova mora somente gente ordeira e que a rua é muito salubre. Os moradores voltaram a falar da “grande tranquilidade” da sua rua, mesmo nos momentos em que não se ouve a própria palavra devido ao ruído produzido pela fábrica.